



Trabalho 102

1

MANIFESTAÇÕES MÚSCULO-ESQUELÉTICAS ENTRE PROFESSORES DE SÃO LUIS E SUA RELAÇÃO COM AFASTAMENTO DO TRABALHO

MANIÇOBA, Anna Cyntia Brandão Nascimento*; ALMEIDA, Graça de Fátima Pereira**
RIBEIRO, Maria Hilda Araújo***; NASCIMENTO, Maria do Desterro Soares Brandão
Nascimento****; BALDEZ, Cícera Sousa*****; SILVA, Marcos Antonio Custódio Neto da
Silva*****

Introdução: Na última década, diferentes estudos descreveram os problemas de saúde mais prevalentes entre os professores, com destaque para as desordens musculoesqueléticas. **Objetivo(s):** Este trabalho tem por objetivo estudar as principais manifestações osteomusculares e os fatores de risco entre professores do ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino de São Luís – MA, fazendo sua relação com afastamentos do trabalho. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa quantitativa e exploratória, constituída por 30 professores do ensino fundamental, no período de abril a setembro de 2011. Foi utilizado um questionário aplicado aos professores, sendo estes abordados no horário de intervalo das aulas. **Resultados:** A partir dos resultados obtidos a maioria 67% foi do gênero feminino, e a faixa etária 93% entre 21 a 40 anos de idade. Com relação à jornada de trabalho, 43% cumprem 8 horas/dia, dos professores entrevistados, 70% trabalham em pé, e todos fazem pausa para o trabalho. Fazem exames periódicos 70% e com diagnóstico de lombalgias 60%, a maioria 62% procurou o ortopedista e 57% refere tratamento medicamentoso. **Conclusão:** Conclui-se que o professor é um profissional que exerce uma atividade com grande exigência de tónus postural, mantido por tempo prolongado, o que acarreta uma sobrecarga para os grupos musculares envolvidos. A análise dos dados obtidos aponta para a necessidade de políticas preventivas, que entre outros aspectos, deve estimular melhoria no ambiente de trabalho escolar.

Palavras – chave: Manifestações músculo-esqueléticas. Perícia Médica. Medicina do Trabalho.

*Médica. Especialista em PSF. Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão. annacyntia@hotmail.com; **Médica. Especialista. Instituto de Previdência e Assistência do Município de São Luis – MA dragracadefatima@hotmail.com; ***Médica. Mestre em Saúde Materno- Infantil. Universidade Estadual do Maranhão. m.hilda.ribeiro@uol.com.br; ****Médica. Doutora em Medicina. Universidade Federal do Maranhão. cnsd_ma@uol.com.br; *****Médica. Especialista em Medicina do Trabalho. SAFEMED. cicerabaldez@hotmail.com; *****Acadêmico de Medicina. Universidade Federal do Maranhão. marcos_antonio455@hotmail.com

**Trabalho 102**

2

**MANIFESTAÇÕES MÚSCULO-ESQUELÉTICAS ENTRE PROFESSORES DE SÃO
LUIS E SUA RELAÇÃO COM AFASTAMENTO DO TRABALHO**

MANIÇOBA, Anna Cyntia Brandão Nascimento*; ALMEIDA, Graça de Fátima Pereira**
RIBEIRO, Maria Hilda Araújo***; NASCIMENTO, Maria do Desterro Soares Brandão
Nascimento****; BALDEZ, Cícera Sousa*****; SILVA, Marcos Antonio Custódio Neto da
Silva*****;

1. INTRODUÇÃO

O aumento das responsabilidades e exigências sobre a classe docente é consequência de um processo histórico que ocorreu rapidamente no contexto da sociedade brasileira. Um dos reflexos dessas transformações estrutura o denominado “mal-estar” docente representado por um conjunto de agravos à saúde decorrente, entre tantos fatores, do processo de adaptação às novas exigências da profissão (GASPARINI; BARRETO et al, 2006).

Segundo o Sindicato dos Professores de São Paulo (2006) a atividade profissional do professor mostra-se como um fator de risco para o surgimento de lesões que acometem as estruturas corporais. Essas lesões manifestam-se, sobretudo, na coluna vertebral e nos membros superiores, afetando a realização plena de suas atividades e gerando, por vezes, incapacidades temporárias ou permanentes. Nos casos mais graves pode gerar afastamento do ambiente e das atividades profissionais.

O excesso de tarefas burocráticas, a falta de autonomia e infra-estrutura do ambiente escolar, as relações conflitantes com familiares de alunos e, principalmente, a baixa remuneração, tornando evidente o quadro crônico de depreciação e desqualificação social, psicológica e biológica dos professores, emerge dessa situação um cenário com efeitos adversos, proporcionando aos docentes um conjunto de mal-estares, em muitos casos desestabilizando a economia psicossomática e gerando doenças diversas, que influenciam fortemente na qualidade de vida destes profissionais (GOMES, 2002).

Na última década, diferentes estudos descreveram os problemas de saúde mais prevalentes entre os professores, com destaque para as desordens musculoesqueléticas, problemas vocais e distúrbios psíquicos (GASPARINI, BARRETO et al., 2006).

As doenças músculo-esqueléticas são estudadas na reumatologia e na ortopedia e incluem as artropatias, as doenças hereditárias e inflamatórias do tecido conjuntivo, os distúrbios da coluna vertebral, os reumatismos de partes moles etc. (CARVALHO, 2001).

Os problemas ou distúrbios osteomusculares ocupacionais mais comumente encontrados são: tendinites (particularmente do ombro, cotovelo e punho), neuropatias periféricas (principalmente a síndrome do túnel do carpo, que corresponde à compressão extrínseca do nervo mediano na região do punho), lombalgias (que são dores na região lombar) e mialgias (termo que corresponde a dores musculares) em diversos locais do corpo (VERTHEIN, 2001).

A LER/DORT (Lesões por Esforços Repetitivos ou Distúrbios Ósteo-Articulares Relacionados ao Trabalho) é um tipo específico de doença ocupacional que surgiu no Brasil há menos de duas décadas e que, em decorrência da gravidade dos sintomas e da incidência crescente entre trabalhadores de quase todas as atividades econômicas dos vários estados, se tornou o principal problema de saúde pública relacionado ao trabalho no país: já responde por cerca de oitenta por cento dos “auxílios e aposentadorias” por doenças ocupacionais concedidas atualmente pela Previdência Social (BRASIL, 2001).

Embora a relação entre as condições de trabalho e saúde dos professores venha merecendo vários estudos são poucos os trabalhos encontrados nessa área, principalmente os relacionados a doenças ocupacionais. Dessa forma esta pesquisa tem por finalidade apresentar um estudo sobre as principais manifestações osteomusculares e os fatores de risco entre professores do ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino de São Luís-MA.

**Trabalho 102**

3

2. OBJETIVOS

Objetivou-se estudar as principais manifestações osteomusculares e os fatores de risco entre professores do ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino de São Luís-MA, fazendo sua relação com afastamento pelo trabalho.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa e exploratória, constituída por 30 professores do ensino fundamental, no período de abril a setembro de 2011. Foi utilizado um questionário aplicado aos professores, sendo estes abordados no horário de intervalo das aulas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o gráfico 1, o maior percentual no que refere o gênero 20 (67%) feminino e 10 (33%) masculino.

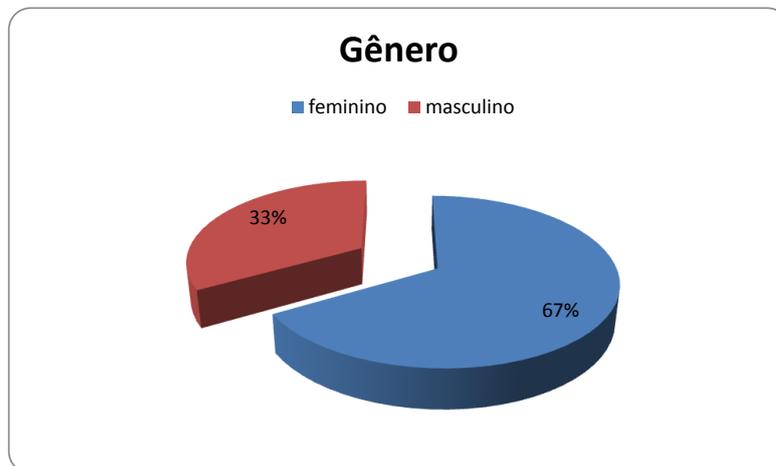


Gráfico 1 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com o gênero. São Luís – MA. 2011

Quanto às características do(a) trabalhador(a) dois aspectos são especialmente citados como contributivo para o aparecimento das lesões: um quanto ao sexo/gênero trabalhador, outro, quanto ao perfil psicológico. A mulher apresenta fatores que são considerados como predisponentes quais sejam: a maior fragilidade do sistema músculo esquelético, os fatores hormonais e a dupla jornada de trabalho (MORAES, 2000).

Rocha e Sarriera (2006) em um estudo que trata da saúde do professor, apontam a múltipla jornada no trabalho docente feminino como algo que repercute diretamente na sua saúde, atribuindo a isso o fato das mulheres terem apresentado níveis de saúde mais comprometidos do que os homens.

Conforme o gráfico 2, a faixa etária de maior frequência de sintomas relacionados ao sistema músculo-esquelético 28 (93%) situou-se entre 21 a 40 anos, 2 (7%) acima de 40 anos de idade.



Trabalho 102

4



Gráfico 2 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com a faixa etária. São Luís – MA. 2011.

Segundo Carvalho; Alexandre (2006) a presença de dor em regiões de punho e mãos apresenta associação significativa com a atuação do professor em mais de uma rede de ensino. A dor em região de ombros apresenta associação estatisticamente significativa para os sujeitos na faixa etária entre 30 e 39 anos.

A idade como descrito por Walsh; Corral et al (2004) também esteve associada aos sintomas músculo-esqueléticos, uma vez que, com o envelhecimento, há um desgaste natural dos sistemas do corpo.

No que refere à presença de manifestações músculo-esqueléticas relacionadas à jornada de trabalho, o gráfico 3, mostra que dos professores entrevistados a maioria 12 (43%) trabalhavam 8 horas/dia, 8 (29%) 10 horas, 4 (14%) 6 horas, assim como 4 (14%) mais de 10 horas.

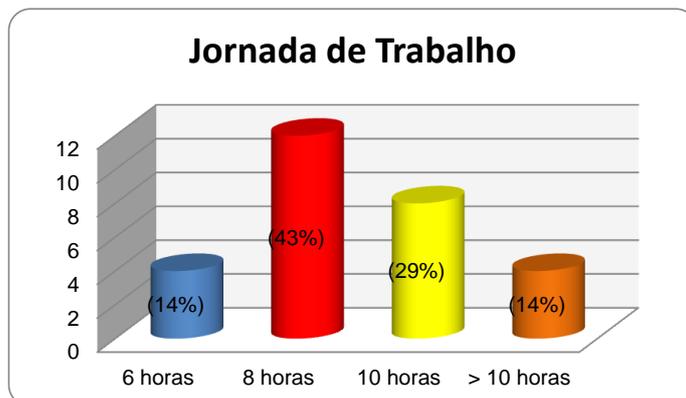


Gráfico 3. Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com a jornada de trabalho. São Luís – MA. 2010.

Pode-se afirmar que a luta pela saúde do trabalhador, propriamente dita, começou no século XIX a partir da reivindicação da redução da jornada de trabalho (DEJOURS, 2005).

No trabalho docente, cada vez mais, estão presentes aspectos potencialmente estressores, como baixos salários, escassos recursos materiais e didáticos, classes superlotadas, tensão na relação com alunos, excesso de carga horária, inexpressiva participação nas políticas e no planejamento institucional (VOLPATO et al., 2003).

Santos (2005) ao avaliar os determinantes do processo saúde/doença em professores do ensino básico da cidade de São Paulo, observaram que o tempo prolongado no exercício do magistério, o número excessivo de alunos em classe, as jornadas extenuantes, o acúmulo de



Trabalho 102

5

responsabilidades transferidas à escola, o desgaste na capacidade de trabalho e a desvalorização do magistério, características relacionadas às dimensões do Burnout, são fatores que, de uma maneira cumulativa, estão adoecendo o professor, confirmando ser essa uma profissão de risco.

Conforme o gráfico 4, em relação à postura no trabalho, ficou constatado que (70%) dos professores trabalham em pé, (30%) referiram trabalhar sentado.



Gráfico 4 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com a postura no trabalho. São Luís – MA. 2011.

A alternância de posicionamento em pé e sentado durante as aulas, e, então, uma importante medida de prevenção. O professor emprega a maior parte do tempo de aula adotando medidas para garantir a disciplina dos alunos; assim manter-se de pé acaba sendo uma estratégia usada também para manter a disciplina, uma vez que permite maior e melhor visualização dos alunos (NORONHA et al., 2008).

A literatura menciona que outro posicionamento corporal adotado, comumente, durante as aulas, e a posição de pé. Esta posição relaciona-se com a dor na coluna, uma vez que, desta forma, o corpo exerce carga sobre os discos intervertebrais, achatando-os e diminuindo assim sua hidratação. Uma pesquisa realizada com docentes apontou que este passa até 95% do tempo de aula em pé (BARROS et al., 2007).

O gráfico 5 demonstra outro ponto importante que se articula no contexto da carga horária e da postura no trabalho é a realização de pausas durante o período de trabalho. Nesse aspecto 30 (100%) dos professores respondeu que as realiza.





Trabalho 102

6

Gráfico 5 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com a realização de pausas durante o período de trabalho. São Luís – MA. 2011.

Os estudos revelam que se destacam entre os fatores de riscos ocupacionais para a ocorrência do sistema músculo-esquelético em docentes: tempo de trabalho como professor maior que quinze anos e lecionar em mais de uma escola; elevada carga horária semanal; pouco ou nenhum tempo de repouso entre as aulas; falta de local específico para descanso na escola, má remuneração (CARVALHO; ALEXANDRE, 2006).

Em se tratando da carga horária de trabalho adicional, o gráfico 6 demonstra que 28 (93%) dos professores referiram realizar hora extra e 2 (7%) não.



Gráfico 6 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com a carga horária adicional. São Luís – MA. 2011.

A forma na qual o trabalho se organiza e a intensificação das cargas de trabalho do professor podem ser fatores determinantes no adoecimento do sistema músculo-esquelético, sabe-se que os fatores biomecânicos envolvidos nas demandas físicas do trabalho, dentre elas a realização e repetitividade dos movimentos e as posturas inadequadas, tem relação com a ocorrência de lesões músculo-esqueléticas (GOMES; BRITO, 2006).

Sobre os segmentos corporais mais afetados por dor, 11 (37%) refere à coluna cervical, 9 (30%) a região lombar, 4 (13%) refere ombros, 3 (10%) mãos, 2 (7%) punho e apenas 1 (3%) antebraço (Gráfico 7).



Gráfico 7 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com os segmentos corporais mais acometidos pela dor. São Luís – MA. 2011.



Trabalho 102

7

O acometimento da coluna possivelmente está relacionado com a grande exigência de manutenção postural, devido o professor permanecer por muito em postura bípede (em pé), tanto na hora de escrever no quadro quanto no momento de ministrar a aula verbalmente. A lombalgia sendo a principal queixa músculo-esquelética entre os trabalhadores, geralmente possuem origem multicausal como o estiramento muscular/ligamentar, contratura, degeneração discal articular, instabilidade, entre outras causas. As posturas impróprias prolongadas, o excesso de peso, a movimentação errada e excessiva da coluna lombossacral, são frequentemente incriminados (NASCIMENTO; MORAES, 2000).

A atividade de professor exige uma postura corporal que por vezes obriga o ombro a manter-se em postura anti-gravitacional, em ângulo superior a 90 graus por grandes períodos de tempo, dada a necessidade de usar o quadro para a escrita. A permanência nessa postura por tempo prolongado requer grande esforço dos músculos do ombro, além da necessidade de estabilização proximal por parte dos músculos da cintura escapular (BRITO, 2006).

No que diz respeito ao padrão dos sintomas 12 (40%) refere o cansaço, seguidos de 7 (23%) pela sensação de latejamento, 5 (17%) refere peso, 3 (10%) pontada, assim como 3 (10%) formigamento (Gráfico 8).



Gráfico 8 - Distribuição percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com o padrão dos sintomas. São Luís – MA. 2011.

As doenças relacionadas ao trabalho podem caracterizar-se pela ocorrência de vários sintomas concomitantes ou não, tais como dor, parestesias, sensação de peso, fadiga, de aparecimento insidioso, geralmente nos membros superiores. Entidades neuro-ortopédicas definidas como tenossinovites, sinovites, compressões de nervos periféricos podem ser identificadas ou não (ROCHA et al., 2002).

Andrade e Silva (2004) ao fazerem uma análise teórica da saúde dos professores do ensino fundamental no Brasil colocaram em evidência a gravidade do processo de adoecimento desses profissionais.

É importante destacar que as doenças ocupacionais têm origem multifatorial e que a imprecisão diagnóstica dificulta o processo de associação entre o adoecimento e o histórico profissional do trabalhador que apresenta os sintomas. Para aumentar a complexidade dos casos, as crenças e o próprio comportamento do doente exercem influências marcantes sobre a dor, a incapacidade e o resultado do tratamento (SIQUEIRA; FERREIRA, 2003).

Quanto à realização de consultas médicas periódicas 21 (70%) dos professores entrevistados refere que sim e 9 (30%) não realizaram consultas médicas.

Com relação ao diagnóstico definido 18 (60%) refere lombalgias, 6 (20%) artrite reumatóide, 4 (13%) com tendinite e 2 (7%) refere bursite.



Trabalho 102

8

TABELA 1 - Distribuição numérica e percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com a realização de consultas médicas e diagnóstico definido. São Luís – MA. 2011

VARIÁVEL	(n)	(%)
CONSULTAS MÉDICAS PERIÓDICAS		
Sim	21	70,0
Não	09	30,0
TOTAL	30	100
DIAGNÓSTICO DEFENIDO		
Lombalgia	18	60,0
Artrite reumatóide	06	20,0
Tendinite	04	13,0
Bursite	02	7,0
TOTAL	30	100

A necessidade de estabelecer o nexa causal entre o adoecimento e a situação de trabalho exige do médico perito uma postura diferenciada que valorize o processo específico de cada indivíduo, considerando sua história de vida e de trabalho: o ambiente, a organização e a percepção da influência do trabalho na construção da doença (GLINA et al., 2001).

Porto et al (2004) mostra que as doenças mais frequentes entre professores estão a tendinite, bursite, rinite, sinusite, doenças da laringe e das cordas vocais. Todas essas queixas, também, foram destacadas em estudo de Araújo et al (2005) com professores universitários, além das relacionadas à saúde mental.

Quanto aos profissionais procurados para a realização de tratamento 19 (62%) com ortopedista, 8 (25%) procuraram o clínico geral e 3 (13%) referiram já ter realizado tratamento com reumatologista. Em relação ao tipo de tratamento realizado 17 (57%) refere tratamento medicamentoso e 13 (43%) fisioterapêutico (Tabela 2).

TABELA 2 - Distribuição numérica e percentual de 30 professores do ensino fundamental de acordo com o profissional procurado e tipo de tratamento realizado. São Luís – MA. 2011

VARIÁVEL	(n)	(%)
PROFISSIONAL PROCURADO		
Ortopedistas	19	62,0
Clínico geral	08	25,0
Reumatologista	03	13,0
TOTAL	30	100
TIPO DE TRATAMENTO		
Tratamento medicamentoso	17	57,0
Tratamento fisioterapêutico	13	43,0
TOTAL	30	100

O trabalho de reabilitação de pacientes com doenças músculos-esqueléticos deve incluir uma equipe multiprofissional, na qual devem participar, além de outros profissionais,



Trabalho 102

9

fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, porém o paciente deve ter uma participação ativa no tratamento. A reabilitação somente será bem sucedida se o paciente estiver motivado, cooperativo e disponível para aprender novas informações (BARROS et al., 2007).

5. CONCLUSÃO

Na amostra pesquisada o gênero feminino foi o mais acometido, a faixa etária variou entre 21 a 40 anos, menos da metade dos professores trabalhavam 8 horas/dia.

A maioria na posição em pé em sala de aula e todos afirmaram realizar pausas entre as atividades, assim como a maioria dos professores realizava horas extras.

Menos da metade refere o segmento corporal mais afetado pela dor, a coluna cervical, seguida da região lombar e mais da metade referiram sensação de cansaço.

As consultas médicas periódicas foram realizadas pela maioria dos professores. Entre aqueles que tiveram o diagnóstico definido a maioria foi de lombalgias.

O profissional mais procurado pelos professores foi o ortopedista, e mais da metade refere tratamento medicamentoso.

A pesquisa acerca das doenças ocupacionais tornou-se um importante campo do conhecimento e da produção científica, dado ao crescimento potencial das patologias que acometem o sistema músculo-esquelético nas diferentes categorias profissionais. O professor é um profissional que exerce uma atividade com grande exigência de tônus postural, mantido por tempo prolongado, o que acarreta uma sobrecarga para os grupos musculares envolvidos.

A análise dos dados obtidos aponta para a necessidade de estudo quanto ao nexo de causalidade para o aparecimento dos sinais e sintomas neste grupo de profissionais, bem como o desenvolvimento de políticas preventivas, que entre outros aspectos, deve estimular melhoria no ambiente de trabalho escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M., SILVA, N. Resiliência e criatividade: análise teórica da saúde dos professores do ensino fundamental no Brasil. **Revista de pós-graduação**. Porto Alegre, n. 3, p. 141-158, 2004.

ARAÚJO, T. M. et al. Mal - estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**. v. 1, n. 29, p. 6-21, 2005.

BARROS, M. E., et al. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. **Rev. Trabalho, Educação e Saúde**. v. 1, n. 5, p. 105-123, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília, DF; 2001.

BRITO, E.P. **Manifestações músculo-esqueléticas em professores de uma escola da rede estadual**, 2006.

CARVALHO, A. J. F. P., ALEXANDRE, N. M. C. Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. v. 1, n. 10, 2006.

CARVALHO, M. A. P. **Reumatologia, diagnóstico e tratamento**. 2. ed. Minas Gerais: MEDSI, 2001.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2005.



Trabalho 102

10

GASPARINI, S. M. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cad Saúde Pública.**, v. 12, n. 22, p. 2679-91, 2006.

GLINA, D. M. R. et al. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexa com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. **Cadernos de saúde pública.** Rio de Janeiro, v. 3, n. 17, p. 607-616, 2001.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites** [dissertação]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.

MORAES, A. **Ergonomia: origens, definições e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Atheneu; 2000.

NASCIMENTO, N. M., MORAES, R. A. S. **Fisioterapia nas empresas: saúde e trabalho.** 2. ed. Rio de Janeiro: Taba cultural, 2000.

NORONHA, M. M. B., et al. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da rede pública de Montes Claros, Minas Gerais. **Rev Trab Educ Saude.**, v. 1, n. 6, p. 65-85, 2008.

PORTO, L. A., et al. Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo centro de estudos da saúde do trabalhador (CESAT). **Revista Baiana de Saúde Pública.** v. 1, n. 28, p. 33-49, 2004.

ROCHA, K.; SARRIERA, J. Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. **Psicologia, escola e educação,** Campinas, v. 10, n. 2, p. 187-196, dez. 2006.

ROCHA, R. et al. Efeito de estresse ambiental sobre a pressão arterial de trabalhadores. **Revista de saúde pública,** São Paulo, v. 36, n. 5, p. 568-575, 2002.

SANTOS, N. S. M. **Quando os dados oficiais revelam condições de trabalho: análise dos agravos à saúde de professores das escolas públicas do Município de São Paulo.** 2005. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SINDICATO DOS PROFESSORES DE SÃO PAULO. **LER/DORT: Lesões por esforço repetitivo e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho,** 2006. Disponível em: <www.spbancarios.com.br/saude/dort.htm>. Acesso em: 10 dez. 2011.

SIQUEIRA, M.; FERREIRA, E. Saúde das professoras das séries iniciais: o que o gênero tem a ver com isso? **Psicologia, ciência e profissão,** Brasília, v. 23, n. 3, p. 73-83, set. 2003.

VERTHEIN, M. A. R. **Jogos de poder instituindo saber sobre as lesões por esforços repetitivos: as redes discursivas da recusa do nexa.** 2001. 164 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2001.

VOLPATO, D. C. et al. Burnout: o desgaste dos professores de Maringá. **Revista eletrônica interação psy.** Londrina, v. 1, n. 1, p. 90-101, 2003.



Trabalho 102

11

WALSH, I. A. P.; CORRAL, S., et al. Capacidade para o trabalho em indivíduos com lesões músculo-esqueléticas crônicas. **Rev Saúde Pública.**, v. 2, n. 38, 2004.